



Editorial

Em plena pandemia do coronavírus, que completou mais de um ano e já vitimou mais de 2 milhões pessoas no mundo todo, discutir as relações entre a saúde e os processos comunicacionais é fundamental. Com o objetivo de aprofundar o debate sobre o assunto, a Revista Brasileira de História da Mídia publica, nesta edição, a primeira parte do dossiê *História da Mídia e Saúde*, que tem como editores convidados os professores Igor Sacramento e Wilson Couto Borges. O conjunto de textos selecionados lança luz sobre a história do presente, problematizando e analisando a pandemia do novo coronavírus, assim como desvela as relações entre mídia e saúde em momentos importantes do nosso passado recente.

Para pensar a pandemia do coronavírus em contraste com epidemias do passado, como a gripe espanhola, o artigo de Paulo Vaz, Nicole Sanchotene e Amanda Santos, que estudam a articulação entre sofrimento e futuro, traz relevantes contribuições. Em uma discussão metodológica, Maria Lívia de Sá Roriz observa as aproximações e distanciamentos entre as histórias de vida na pesquisa em comunicação e a abordagem de escuta realizada na clínica analítica.

Allan de Gouvêa Pereira analisa os processos de saúde-doença em relatos biográficos, para discutir questões como reivindicações e fatores culturais que envolvem os atores sociais em seus estados de saúde e doença. As investigações sobre mídias digitais compõem também estão presentes – a formação de redes relacionadas à pandemia no twitter é o tema do artigo de Priscila Kalinke, Anderson Alves da Rocha e Karol Natasha Lourenço Castanheira.

Marcio da Silva Granez analisa o papel da “autoridade” médica na divulgação de conhecimentos científicos durante a crise sanitária da covid-19. A campanha publicitária do governo federal “O Brasil não pode parar” é o objeto de pesquisa de Julio Cesar Sanches, Raika Julie Moisés e Rhayller Peixoto da Costa Souza – o estudo é realizado tendo como eixos norteadores o racismo e a desigualdade social.

A cobertura da imprensa capixaba durante a epidemia de febre amarela no Espírito Santo é analisada por Marcio Martins Calil e Victor Israel Gentilli, que estudam os jornais impressos *A Gazeta* e *A Tribuna*. O discurso de saúde pública por meio da divulgação de dados da Covid-19 e suas repercussões midiáticas e populares é discutido por Victória Sayuri





Freire dos Santos Kudeken. Izamara Bastos Machado estuda a produção de memórias sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) no jornal *O Globo* no ano de 1988.

A edição conta também com artigos gerais, que contemplam temáticas diversas, mas dialogam entre si por serem estudos de história da mídia. De Portugal, Jorge Pedro Sousa e Helena Lima traçam uma proposta de periodização para a história do jornalismo em seu país. As dinâmicas históricas e as contradições que antecedem as atividades do jornalismo impresso em Goiás são discutidas por Rosana Maria Ribeiro Borges e Marialva Carlos Barbosa, em trabalho que analisa as atividades mercantis e escravagistas do Comendador Joaquim Alves de Oliveira.

As narrativas visuais sobre a Primeira Guerra na revista *A Cigarra* são observadas por Ana Regina Rego, Antonio Carlos Hohlfeldt e Ranielle Leal Moura, com o objetivo de investigar a historicidade e a força das imagens na construção dos contextos que chegavam ao Brasil. Mario Luiz Fernandes estuda a trajetória da revista *Grifo*, primeira publicação dessa linha do Mato Grosso do Sul, em 1979 – a revista foi lançada simultaneamente à instalação do estado.

Janaíne Kronbauer e Juliana Gomes investigam a defesa do ambiente natural nas ondas do rádio, tendo como objeto de pesquisa o programa *Ambiente Vivo*, veiculado pela Unijuí FM de 2001 a 2013. O debate sobre a leitura no universo digital é realizado por Taynée Mendes Vieira e Márcio Souza Gonçalves, em artigo que revisita o pensamento de autores clássicos da história do livro para problematizar uma visão linear dessas histórias e pensar uma concepção complexa da relação entre leitura, tecnologia e cultura na história.

A construção de memórias em torno de Edson Luís de Lima Souto, estudante assassinado no Rio de Janeiro em 1968, é analisada por Leylianne Alves Vieira em edições do jornal *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, publicadas no dia seguinte à morte, e três livros. Edna Mendes dos Reis Okabayashi e Monica Franchi Carniello estudam o processo de constituição e institucionalização da comunicação pública do governo do estado de Rondônia.

Boa leitura!

As editoras.

